

19/02 - 19h54

## **Epidemia de dengue pode chegar ao ABC em março**

Andrea Catão Maziero  
Do Diário do Grande ABC

O Grande ABC pode enfrentar uma epidemia de dengue até o fim de março, como ocorre atualmente no Rio de Janeiro, caso a proliferação do mosquito transmissor – o *Aedes aegypti* – não seja controlada pelos CCZs (Centros de Controle de Zoonoses) dos municípios. A afirmação é do médico Marco Akerman, titular da cadeira de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina do ABC. Segundo ele, ainda existe a possibilidade do aumento nos casos de dengue, porque a estação das chuvas continua até o fim do próximo mês. O Carnaval também deverá provocar um aumento no número de casos da doença.

Durante o outono e o inverno, com temperaturas mais baixas e clima seco, a tendência é de que o mosquito não encontre ambiente favorável para se reproduzir. Ou seja, diminui-se a probabilidade da proliferação do inseto conforme o volume de chuvas caia, com a redução do acúmulo de água.

Os dados da DIR-2 (Direção Regional de Saúde 2), órgão de Saúde estadual que centraliza as estatísticas dos sete municípios da região, apontam um total de 235 notificações de suspeita da dengue desde janeiro. Destas, 49 foram confirmadas.

O grande alívio, segundo a médica sanitária Tânia de Moura Guerschman, diretora da Vigilância Epidemiológica da DIR-2, é que dentre os casos notificados nenhum é autóctone – adquiridos no município –, mas sim importados.

Ela disse que as pessoas infectadas viajaram nos dois primeiros meses do ano para os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Mato Grosso, Bahia e Maranhão. Os casos de dengue contraídas durante o Carnaval entre as pessoas que viajaram para Estados do Nordeste e, principalmente, para o Rio de Janeiro devem ser notificados até o fim dessa semana.

“Por hora, os municípios têm feito um trabalho eficiente no sentido de acabar com os focos do mosquito, por isso é que os casos registrados são importados. Além de eliminar os criadouros, tem sido feita uma campanha de conscientização da população para impedir que novos focos apareçam”,

disse a médica sanitária.

O médico Marco Akerman disse que para a ocorrência de uma epidemia de dengue são necessários três fatores: existência do agente (vírus), do hospedeiro (indivíduo contaminado) e do vetor (neste caso, o *Aedes aegypti*). Mas, por enquanto a região ainda não reuniu os três. "Os municípios têm impedido a ação do vetor até agora, mas isso não quer dizer que a população pode deixar de tomar medidas preventivas, como evitar o acúmulo de água em recipientes plásticos e pneus. Alguns focos foram encontrados e eliminados, mas este deve ser um trabalho constante", disse. Para o médico, sem a eliminação do mosquito, os casos importados da doença facilmente se tornarão autóctones.

Para diagnosticar uma epidemia, no entanto, ele afirmou que há necessidade em estudar os registros da doença nos últimos anos. "Mesmo que sejam confirmados diversos casos, é preciso analisar se estão acima do maior número já registrado e cruzar com os dados de crescimento populacional para diagnosticar uma epidemia."

## **Conscientização é o melhor remédio**

Raymundo de Oliveira  
Do Diário do Grande ABC

Para o médico Delsio Natal, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP, o melhor remédio para evitar epidemias de dengue é a conscientização sobre os riscos de deixar vasilhas que acumulem água.

Para ele, o risco de epidemias de dengue no Brasil envolve problemas ambientais. Segundo Natal, os consumidores passaram a ter acesso a um número cada vez maior de embalagens não reutilizáveis. Isso, aliado à deficiência nos serviços de coleta e destinação dos resíduos, acarretam mais focos de proliferação.

O professor disse que ainda não conhece casos de encontro de larvas do *Aedes aegypti* em folhas de bromélias no Brasil.

DIÁRIO – Qual a melhor forma de evitar uma epidemia de dengue?

DELSIO NATAL – A forma ideal de controle é a conscientização da população para que não deixe recipientes que possam servir como criadouros do mosquito em suas casas. O ideal é que os objetos

não utilizados sejam encaminhados de forma correta para os aterros. Mas no Brasil nenhum município consegue fazer isso.

DIÁRIO – O mosquito da dengue é encontrado em países de Primeiro Mundo, mas dificilmente ocorrem epidemias. Pode-se dizer que a dengue é uma doença de Terceiro Mundo?

NATAL – O Aedes é encontrado em países como os EUA. Mas quando há casos de proliferação, eles agem com seriedade e com recursos adequados para evitar problemas.

DIÁRIO – Como o senhor analisa as formas de controle e combate no Brasil?

NATAL – Não irei dizer que a política de saúde, nesses casos, é falha, mas não se consegue trabalhar com eficiência para evitar que ocorram as epidemias.

DIÁRIO – Há risco de que um aquário sirva como criadouro para o Aedes aegypti?

NATAL – Sim. O Aedes é intradomiciliar – vive dentro das residências – e a água parada de um aquário pode servir para que ele se desenvolva.

## **Plantas, pneus e PET podem ser criadouros**

Do Diário do Grande ABC

O miolo de uma bromélia, o interior de um pneu, garrafas PET ou vasos de plantas com água limpa e parada podem ser usados como criadouros do mosquito Aedes aegypti. E todas estas situações foram encontradas pela reportagem do Diário em vários locais do Grande ABC.

No Parque do Pedroso, em Santo André, bromélias cultivadas pelo Depav (Departamento de Parques e Áreas Verdes) da Prefeitura são encontradas aglomeradas ao ar livre e com água acumulada na junção das folhas.

Na pista de kart que fica nas imediações do parque, os pneus usados para delimitar a pista e amortecer os choques possuem furos para evitar o acúmulo de água, mas, mesmo assim, alguns deles estavam com água empoçada em seu interior.

A Prefeitura de Santo André, por meio de sua assessoria de imprensa, informou que constantemente são feitas vistorias no Parque do Pedroso e adjacências. Porém, não foram encontrados focos do Aedes aegypti até a semana passada. Portanto, a assessoria informou que não

havia larvas do mosquito nos locais citados pela reportagem, e não há risco da disseminação da doença.

No Lixão do Alvarenga, localizado na divisa entre os municípios de Diadema e São Bernardo, garrafas PET e outros materiais que acumulam água podem servir como criadouros das larvas do *Aedes aegypti*.

A assessoria de imprensa das Prefeituras de São Bernardo e Diadema informaram que foram coletadas amostras de água no Lixão do Alvarenga pelos agentes de saúde dos dois municípios. No entanto, nenhuma das amostras foi positiva para as larvas do mosquito.

De qualquer forma, todos os recipientes que acumulam água, por ocasião das últimas vistorias, teriam sido esvaziados e colocados de forma a evitar que voltassem a acumular água. As duas Prefeituras, a exemplo de Santo André, descartaram que os locais sejam focos do mosquito.